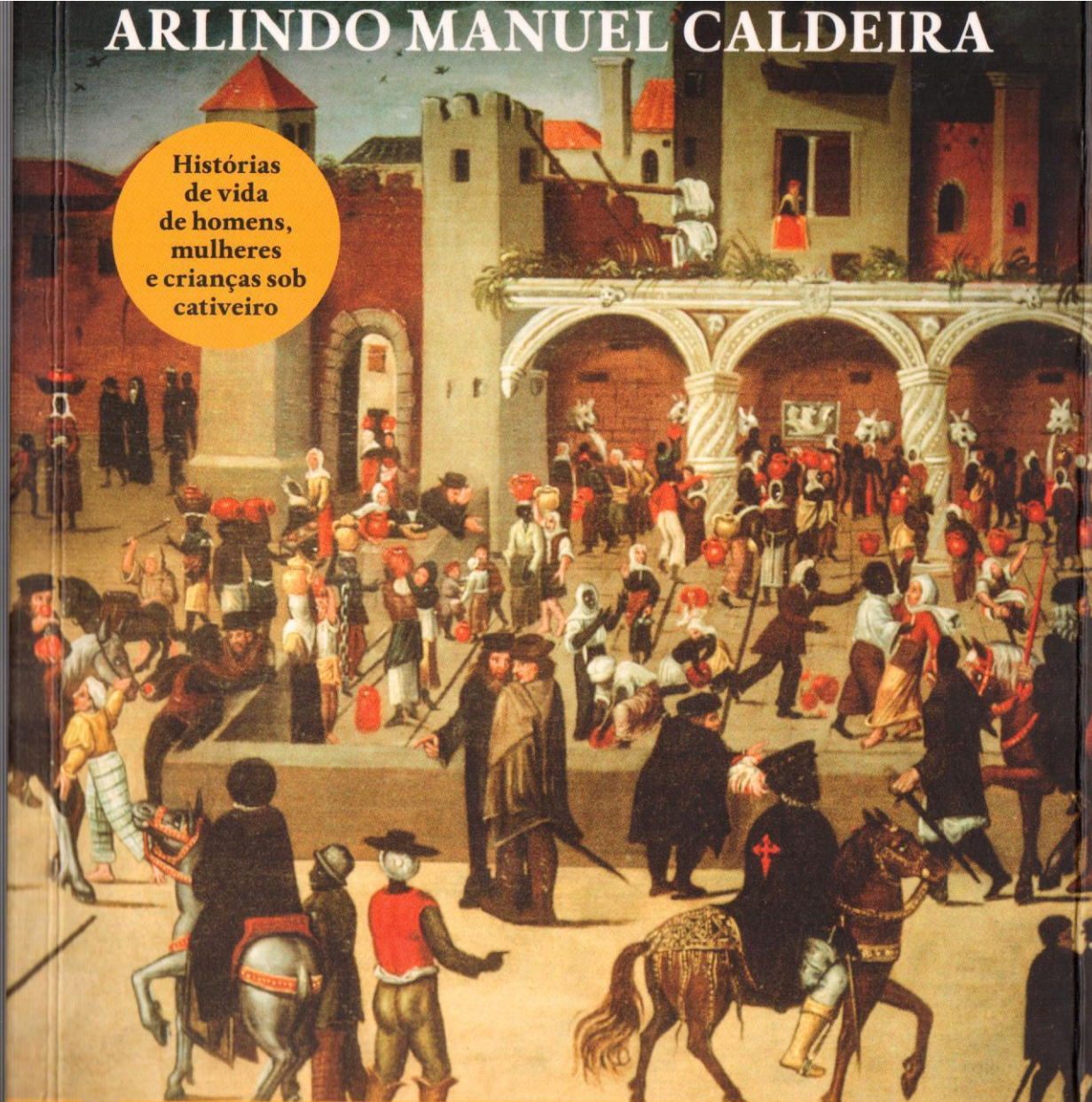


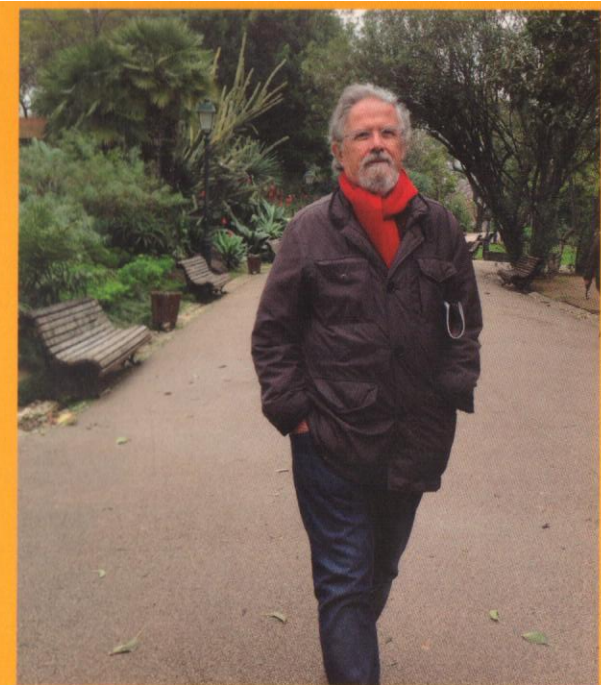
ARLINDO MANUEL CALDEIRA

Histórias
de vida
de homens,
mulheres
e crianças sob
cativeiro



ESCRAVOS EM PORTUGAL

DAS ORIGENS AO SÉCULO XIX



ARLINDO MANUEL CALDEIRA

Licenciado em História, é investigador do Centro de História de Além-Mar (Universidade Nova de Lisboa). As suas principais áreas de pesquisa são a História de África (particularmente Angola e golfo da Guiné) e a escravatura, sobre as quais tem publicado vários livros e dezenas de artigos. Em 2013, publicou o livro *Escravos e Traficantes no Império Português*. O comércio negreiro português no Atlântico durante os séculos XV a XIX, editado por A Esfera dos Livros.

Arlindo Manuel Caldeira

ESCRAVOS EM PORTUGAL

DAS ORIGENS AO SÉCULO XIX
HISTÓRIAS DE VIDA DE HOMENS, MULHERES
E CRIANÇAS SOB CATIVEIRO

A Esfera dos Livros
Rua Professor Reinaldo dos Santos, 42, r/c
1500-507 Lisboa – Portugal
Tel. 213 404 060
Fax 213 404 069
www.esferadoslivros.pt

Distribuidora de Livros Bertrand, Lda.
Rua Professor Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
Tel. 21 762 60 00 (geral) / 21 762 61 96
Fax 21 760 95 92
distribuidora@bertrand.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Arlindo Manuel Caldeira, 2017
© A Esfera dos Livros, 2017

1.ª edição: Março de 2017

Capa: Ideias com Peso
Imagem da capa: Anónimo flamengo(?), *Chafariz d'El-Rei*, 1570-80?
Óleo sobre madeira (reprodução parcial).
(Berardo Collection/AKG/Fotobanco.pt)

Paginação: Segundo Capítulo
Revisão: Sofia Graça Moura
Mapa: José Matos
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

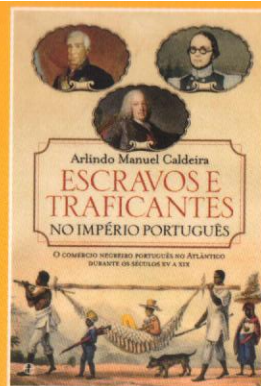
Depósito legal n.º 422 361/17
ISBN 978-989-626-811-4

ÍNDICE

A ABRIR	13
I – ANTES DO SÉCULO XV	22
II – OS FILHOS BASTARDOS DA EXPANSÃO	31
1. Escravos brancos e outros escravos mouriscos	31
1.1. Os escravos granadinos.	32
1.2. Escravos de Marrocos e não só	36
• João, aliás Mussa, escravo granadino	41
• Meni: uma infeliz escrava mourisca	44
2. Os escravos japões	47
3. Os escravos chinas	49
• Vitória Dias: da China a Hamburgo, passando por Cochim e Lisboa	54
4. Os «escravos índios».	59
• Valéria: do Pegu à Rua de Santa Justa.	64
5. Os escravos africanos	66
5.1. A exploração da costa africana	66
5.2. Origem dos escravos africanos nos séculos XV e XVI	73
5.3. O transporte para Portugal no século XVI.	85
5.4. O tráfico com destino a Portugal nos séculos XVII e XVIII	87
• A pequena Catarina	92
• Silvestre, barbeiro frustrado	97
III – COMPRA E VENDA DE ESCRAVOS	101
1. O quadro institucional: a Casa da Guiné.	101
2. Negócios de compra e venda	105
3. «Por dezassete papagaios»: o escravo enquanto mercadoria	110
• Quem quer vender? Quem quer comprar?	117

Um homem não pode chegar a maior desgraça nem os seus pecados o podem trazer a maior miséria do que ser escravo.

João Carvalho Mascarenhas, marinheiro português cativo em Argel (1621).



Escravos e Traficantes no Império Português, O comércio negreiro português no Atlântico durante os séculos XV a XIX
Arlindo Manuel Caldeira

Corria o ano de 1444. Uma frota algarvia de seis caravelas chega a Lagos, no regresso de uma expedição ao golfo de Arguim (actual Mauritânia). Naquela manhã quente do princípio de Agosto, despertando a curiosidade da população local, desembarcava em Lagos um contingente de 235 escravos africanos. A notícia correria de boca em boca.

Todos queriam ver o inusitado espectáculo e até mesmo o poderoso Infante D. Henrique, que tinha direito a um quinto dos desembarcados, não quis deixar de estar presente.

O historiador Arlindo Manuel Caldeira levou a cabo uma exaustiva pesquisa para traçar, neste livro, um retrato abrangente do tráfico de escravos, da sua origem até à sua abolição, no espaço do império português. Um processo complexo que evoluiu ao longo dos séculos, que é aqui analisado desde a compra dos escravizados, em diferentes locais da costa ocidental africana, à difícil travessia do oceano em navios sobrecarregados, nas condições mais deploráveis. É possível acompanhar depois a chegada desses escravos a Lagos e a Lisboa, mas sobretudo aos portos do Brasil, em direcção às minas e às grandes plantações de açúcar, de tabaco e de café, onde constituíram a mão-de-obra quase exclusiva. O autor analisa ainda, com minúcia, as margens de lucro deste negócio, e desvenda a biografia de alguns dos negociantes e das principais famílias.

Em Lisboa, Lourenço, escravo branco, hábil dourador de couros, foi marcado na testa pelo seu senhor com um ferro em brasa e sujeito a longos períodos de cárcere privado. Em Coimbra, João, escravo negro, conseguiu fugir, temporariamente, do cativeiro, levando ainda, em volta do pescoço, uma argola de ferro com o nome do seu dono.

Florinda, angolana de origem, foi chamada à Inquisição, pois recorrera a feitiços na esperança de abrandar as iras da sua ama. Em Évora, Grácia, jovem escrava negra, morreu depois de espancada pelo seu proprietário.

João de Sá, escravo nas cavaliarias reais, chegou a cavaleiro da Ordem Militar de Santiago, na corte de D. João III.

Este livro é a história de Lourenço, João, Florinda, Grácia, João de Sá e de muitos outros milhares de escravos que viveram em Portugal. Só nos séculos XV a XVIII, o período de maior concentração de mão-de-obra não-livre, calcula-se que, ao todo, tenha havido, no continente e ilhas, um milhão de pessoas sujeitas a cativeiro. Esta não é uma história da escravatura em Portugal, mas uma história dos escravos. Os protagonistas involuntários de um regime social injusto, excluídos entre os excluídos, são, enquanto pessoas, os protagonistas deste livro. Como era feita a compra e venda de escravos, qual era a relação entre o senhor e o escravo, como era utilizada a mão-de-obra cativa, qual a diferença entre escravos da cidade, do campo ou do paço? E depois da abolição legal como se transformou a vida destas pessoas?

Ainda no início do século XIX, mais propriamente em 1801 e 1809, os jornais de Lisboa publicavam, por incrível que possa parecer, anúncios como estes:

«No dia 6 de Agosto, fugiu uma escrava preta muito baixa, olhos medianos, nariz chato e largo, boca grande e beicuda, mal feita de corpo e mãos grandes e mal feitas. Levava capa de baetão muito comprida, cor de flor de pessegueiro e saia de chita escura. Na loja da Gazeta de Lisboa se dirá quem é seu senhor, o qual dá de alvissaras 19\$200 réis a quem lha descobrir.»

«Quem quiser comprar três escravas, duas pardas e uma preta, fale na loja de Paulo Conrado, na rua dos Capelistas.»

Escravos em Portugal, do historiador Arlindo Manuel Caldeira, é uma obra inovadora sobre um tema que continua ainda muito ignorado no nosso país e que temos obrigação de conhecer de modo mais aprofundado para que não corramos o risco de, em pleno século XXI, ver regressar, entre nós, atitudes escravagistas, como prenunciam alguns sinais perturbadores.

